



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em conjunto com o presidente da Venezuela, Hugo Chávez

Recife-PE, 27 de março de 2008

Meu caro companheiro Hugo Chávez, presidente da República Bolivariana da Venezuela,

Nosso querido governador do estado de Pernambuco, Eduardo Campos,

Nosso querido prefeito de Recife, companheiro João Paulo,

Ministros da delegação venezuelana,

Ministros de Estado que me acompanham nesta viagem,

Nossos companheiros Celso Amorim, das Relações Exteriores e Dilma Rousseff, da Casa Civil,

Demais membros integrantes da delegação venezuelana e da delegação brasileira,

Companheiros da imprensa venezuelana,

Companheiros da imprensa brasileira,

Primeiro, Eduardo e prefeito João Paulo, nossos agradecimentos pelo tratamento carinhoso que recebemos ontem e que, certamente, continuaremos a receber hoje. Certamente, o companheiro Chávez deve estar se sentindo em sua casa, não só porque aqui nasceu e está enterrado o general Abreu e Lima, como também ele ganhou ontem o título de cidadão pernambucano. Agora, ele pode se sentir tão pernambucano quanto eu, com a única ressalva de que não nasceu em Garanhuns.

Meus amigos e minhas amigas, eu penso que o que aconteceu ontem aqui na cidade de Recife, no estado de Pernambuco, foi um marco histórico na relação Venezuela-Brasil. Foi um acontecimento que muita gente não acreditava, porque na sociedade nós temos uma parte muito otimista e temos também gente pessimista, que acredita sempre que as coisas não vão dar



certo. Muita gente acha que demorou muito para que PDVSA e Petrobras chegassem a um entendimento. É importante lembrar o que me dizia o companheiro Chávez. A PDVSA tem quase 100 anos de existência, pelo menos, não sei se com o nome PDVSA, mas há quase um século que a Venezuela explora petróleo. A Petrobras tem 50 anos e nesse tempo todo, antes de Chávez ser presidente da Venezuela e eu ser presidente do Brasil, essas duas empresas nunca tinham conversado. A Petrobras preocupada com a sua auto-suficiência interna e a PDVSA preocupada em atender as necessidades de petróleo para os Estados Unidos.

O que aconteceu como fato histórico, ontem, é que a PDVSA olha para o Sul, para a América do Sul e olha para o Brasil, e a Petrobras olha também para a América do Sul e para a América Latina. São duas empresas gigantescas, duas empresas que, trabalhando juntas, podem contribuir para mudar a história energética na área de combustível e gás do mundo. Eu, particularmente, estou muito feliz, porque comecei esse processo com o presidente Chávez, e ontem nós concretizamos a primeira parte do acordo que vai construir a Refinaria Abreu e Lima, com um investimento de quase 4 bilhões de dólares, para refinar, praticamente 260 mil barris de petróleo. E, se Deus quiser, ainda no meu mandato e no mandato do presidente Chávez, nós viremos aqui em 2010 para inaugurar a primeira parte da Refinaria.

Vocês sabem que a Refinaria está em um processo de cuidar do terreno, fazer todo o serviço de terraplanagem. O que estamos mexendo de terra aqui daria para colocar dois metros de altura em 2.500 campos de futebol. Imaginem, pegar o Estádio dos Aflitos ou qualquer outro aqui, e colocar dois metros de terra em 2.500 campos desses. É um trabalho difícil, e muita gente que passa por lá diz: “Não está acontecendo nada”. Mas, logo, logo, vocês deixarão de ver as máquinas de terraplanagem e começarão as máquinas que batem estacas, os trabalhadores da construção civil, os engenheiros e todos os especialistas produzindo riquezas para o Brasil e para a Venezuela.



Em junho deste ano teremos um encontro na Venezuela e, nesse encontro, vamos discutir duas coisas estratégicas: a participação da Petrobras na Faixa de Orinoco e a discussão sobre o gasoduto. Essas coisas são demoradas porque são difíceis, porque envolvem muitos recursos, muito conhecimento tecnológico, muito cuidado ambiental. Portanto, nós vamos aprofundar com os ministros brasileiros, os ministros venezuelanos, os técnicos da Petrobras e os técnicos da PDVSA. Quando os pessimistas estiverem dizendo que não vai acontecer nada, nós iremos anunciar como ontem, quando alguns meios de comunicação do Brasil e da Venezuela diziam que o acordo tinha fracassado, nós anunciamos o acordo às 9 horas da noite. Vai ser assim com a Faixa de Orinoco, com o gasoduto, com a participação do Brasil na transferência de tecnologia via Embrapa para tornar a Venezuela auto-suficiente na produção de alimentos, e com o escritório da BDI, que montamos em Caracas para ajudar o processo de desenvolvimento industrial da Venezuela.

E fazemos isso porque acreditamos e, cada vez mais, a América do Sul se transforma num grande continente, respeitando as nossas histórias, as nossas fronteiras. Nós sabemos que um processo de integração eficaz e produtivo exige generosidade, grandeza e, muito mais do que isso, compromisso ideológico, econômico e social com o nosso continente. Certamente, quando olhamos as riquezas que tem a Venezuela, as riquezas que tem o Brasil, o potencial científico e tecnológico do Brasil, da Argentina; quando olhamos as necessidades da Bolívia, do Equador, do Paraguai, do Uruguai, da Colômbia, do Peru, nós nos perguntamos... O resultado de tudo isso é que durante um século todos os governantes deste continente voltaram as costas para si mesmos e ficaram admirando o mundo rico, achando que um dia alguém iria descer do céu e iria elevar os nossos países a países de alto padrão de desenvolvimento. Isso nunca aconteceria se nós não tivéssemos que demonstrar ao mundo que quem tem que gostar de nós somos nós



mesmos, quem tem que cuidar do desenvolvimento dos nossos países somos nós mesmos, quem precisa exigir respeitabilidade às nossas decisões soberanas somos nós mesmos. E isso está acontecendo.

Nunca, em nenhum momento da história deste continente, nós estivemos tão próximos de construir uma verdadeira unidade sul-americana. Para exemplificar, a subordinação que os países da América do Sul tinham aos países do Norte, eu vou dar um exemplo, sobretudo para a imprensa venezuelana e para os jovens jornalistas brasileiros: eu fui um dirigente sindical muito importante no final da década de 70 e na década de 80. Viajei dezenas de vezes para os Estados Unidos e para a Europa e nunca viajei para a América do Sul. Por quê? Porque nós éramos subordinados economicamente e, portanto, politicamente aos países que faziam investimentos no Brasil. E nós íamos muito mais para os outros países por conta de convite deles e não por conta de iniciativa nossa.

Eu me perguntava: por que eu não vou para a Argentina? Por que eu não vou ao Paraguai, ao Uruguai, à Bolívia, à Venezuela, à Colômbia, ao Equador, ao Chile, se todos esses países têm sindicatos e pensam mais ou menos como eu penso? E eu descobri que nós estávamos de costas uns para os outros. Nós não existíamos entre nós, nós não tínhamos auto-estima de sermos latino-americanos, de sermos sul-americanos, e agora nós temos. Muitas vezes, com muitas dificuldades nós estamos construindo, passo a passo, aquilo que poderia ter sido construído há 50, 100, 200 anos. Mas também nós aprendemos que não é importante ficar olhando o passado, o que aconteceu, aconteceu; o que não aconteceu, não aconteceu. O que é importante é que estejamos dispostos a fazer acontecer agora o que deveria ter acontecido há muito tempo.

Para dar um exemplo a vocês, aos jornalistas brasileiros. É mais ou menos como o PAC. Com o PAC de urbanização de favelas e de saneamento básico nós estamos recuperando, no ano de 2008, os estragos que os



governantes fizeram na década de 60, 70 e 80. Se não houvesse a irresponsabilidade em permitir o empobrecimento da população e o ajuntamento dessa população em lugares degradados, nós não precisaríamos estar gastando dinheiro para desfazer o malefício que foi feito com esse povo nos últimos 30 ou 40 anos. Por isso a minha alegria profunda de receber o companheiro Chávez no Brasil e no meu estado, e poder ter concluído o acordo PDVSA-Petrobras, porque mais do que um acordo, é um sinal para a nossa relação internacional, para o mundo, de que nós, embora sejamos pobres, temos orgulho, temos consciência da nossa soberania e temos consciência do nosso potencial. Não existe lugar nenhum no mundo que tenha um potencial energético maior do que tem a América do Sul, se nós levarmos em conta o potencial hídrico, a quantidade enorme de rios que podem produzir hidroelétricas.

Em um estudo feito aqui no Brasil, Chávez, nós hoje ocupamos apenas 1/3 do potencial dos rios que nós temos para produzir hidroelétricas. Significa que nós temos ainda mais de 250 mil megawatts a serem produzidos, de energia hídrica. Imaginem o potencial, se juntarmos todos os países da América do Sul – com a imensidão de rios, com a quantidade de petróleo; a Venezuela com toda a sua riqueza petrolífera; o Brasil, agora, com o descobrimento da camada pré-sal; com outros países voltando a fazer pesquisa – a quantidade de gás que podemos descobrir, que a Venezuela e a Bolívia já têm. Países, como o Peru, têm petróleo. A Petrobras acabou de descobrir gás. Há uma imensidão de oportunidades e um potencial extraordinário. Agora, quem está explorando isso, ou quem explorou há muito tempo? São empresas americanas, empresas inglesas, empresas holandesas, empresas de qualquer parte do mundo, menos nós. É como se fossemos governantes cegos e surdos, que falássemos línguas muito diferentes e que não nos entendêssemos. Era como se fosse uma Torre de Babel. Todo mundo próximo, mas sem ninguém entender ninguém, todo mundo desconfiando de



todo mundo, e todo mundo disputando quem era mais amigo dos Estados Unidos, quem era mais amigo do presidente americano, quem quer que fosse, quem era mais simpático à Europa, quem quer que fosse. Hoje nós descobrimos que é tão mais fácil sermos simpáticos entre nós, construirmos a nossa integração política, social, econômica, científica e tecnológica, e nos transformarmos numa grande nação, capaz de fazer com que o Sul do mundo possa começar a influenciar, de forma mais positiva, o Norte.

Para mim, esse acordo, companheiro Chávez, significa mais do que um papel assinado pelo nosso companheiro venezuelano Rafael Ramírez e pelo companheiro brasileiro José Sérgio Gabrielli. Significa um sinal de que a integração da América do Sul, com problemas ou sem problemas, é irreversível. Qualquer que seja o governo, quem vier a governar em qualquer momento, sabe perfeitamente bem que nós não teremos saída individualmente. A nossa saída é juntar as oportunidades e as similaridades que cada um oferece, e juntos construirmos, quem sabe, uma grande nação sul-americana capaz de competir do ponto de vista do petróleo, do gás, de todo o sistema energético, mas também discutir na área do conhecimento, da educação e da ciência e tecnologia.

Por isso, meu querido companheiro Chávez – você, que sai daqui agora e vai para o Maranhão, e eu que saio daqui agora e vou para uma reunião com empresários mexicanos – quero dizer a você: conte com o Brasil, conte com o meu governo, porque eu conheço profundamente as necessidades da Venezuela e você conhece as do Brasil, e trabalhando juntos nós poderemos resolver problemas que ontem pareciam insolúveis, mas que hoje poderão ser resolvidos com a nossa maturidade política.

Por isso, companheiro, muito obrigado pela sua presença, e muito obrigado por contribuir para que PDVSA e Petrobras deixem de ser duas (inaudível), muito competentes e muito vaidosas, e que sejam duas empresas



que pensem como nós, que não pensem apenas na sua rentabilidade, mas no que elas podem fazer para ajudar o continente sul-americano.

Gracias, companheiro.

Perguntas respondidas pelo presidente Lula durante a Conferência de Imprensa

Jornalista: Pergunta inaudível (participação da Petrobras na Faixa do Orinoco, ingresso da Venezuela no Mercosul e declaração da OEA sobre incursão da Colômbia no Equador)

Presidente Lula: Vamos começar pela última. Eu acho que a declaração da OEA foi uma decisão profundamente histórica para os padrões das decisões da OEA. Pela primeira vez, os Estados Unidos ficaram sozinhos. Todos os outros países votaram com a mesma posição e os Estados Unidos não criaram nenhum problema, aceitaram o resultado. Isso parece pouco para um leigo, mas para um homem que tem 40 anos de vida diplomática, como o meu ministro Celso Amorim, esse é um fato inusitado nas decisões da OEA. O mais importante é que a OEA repetiu quase totalmente a decisão de Santo Domingo, do Grupo do Rio. O que aconteceu em Santo Domingo é uma outra coisa extremamente importante para a compreensão daqueles que não fazem política. Nós não podemos medir um homem ou uma mulher apenas por uma atitude ou por um dia da sua vida. É como um artista que está produzindo um quadro, você não pode criticar a obra pelo meio, é preciso esperar o conjunto da obra para fazer a crítica.

Por que eu estou falando isso? Porque conheço o Chávez há bastante tempo. Sei dos compromissos do Chávez com o povo pobre da Venezuela, sei



do tipo de ataques que ele recebe, sei do tipo de ofensas que ele recebe. Muitas vezes ele próprio provoca, gosta de provocar.

Vejam que interessante. Durante vários dias as manchetes dos jornais, de vários lugares do mundo, eram sobre a guerra entre Colômbia e Venezuela. E quem foi o grande pacificador do conflito entre Colômbia e Equador? Foi exatamente o presidente Chávez. Celso me chamou por telefone e disse: “Presidente, o Chávez teve um papel extraordinário, porque foi o discurso pacificador do Chávez que permitiu que a reunião se transformasse em uma reunião produtiva, que permitiu a construção de um documento que resultou no documento da OEA”. Por isso, ao ex-guerrilheiro, hoje pacificador, parabéns.

Veja, todos nós queremos que a Venezuela seja membro definitivo do Mercosul, todos nós, pelo menos dentro do governo e dentro da sociedade brasileira. Só que temos que esperar o Congresso votar, não há como o Poder Executivo impor a pauta para o Congresso. O presidente da Câmara, o presidente do Senado, os líderes do governo, todos estão convencidos de que vai ser aprovada a entrada definitiva da Venezuela no Mercosul. Da minha parte, estou com a mesma ansiedade que o companheiro Chávez.

Com relação à participação da Petrobras em Orinoco. Na primeira conversa que tivemos, Chávez e eu decidimos que precisaríamos construir uma parceria em que PDVSA participasse no Brasil com 40% e a Petrobras participasse na Faixa do Orinoco com 40%. Eu acho que nós vamos concluir esse acordo. Eu não sou técnico e o Chávez não é técnico. Mostramos a nossa disposição política e os nossos administradores, nas empresas, discutem tecnicamente o que é possível fazer, desde o preço até o tipo de reserva que tem em tal local e o tipo de tecnologia que vai se usar.

Eu estou convencido de que com a decisão que tomamos ontem, em nossa próxima reunião na Venezuela vamos surpreender os pessimistas, concluindo o acordo, como concluímos ontem o da Refinaria. Estou convencido disso, e vai acontecer. Pode não ser 40%, pode ser 30%, pode ser 45%, mas



vai acontecer, porque interessa estrategicamente aos que – como Chávez e eu, que defendemos uma grande nação sul-americana – desejam que esse projeto seja concluído. Sempre demora um pouco mais do que a nossa vontade, mas vai acontecer.

Jornalista: Pergunta inaudível (Prazo para elaboração do estatuto da parceria entre Petrobras e PDVSA)

Presidente Lula: No contrato que nós firmamos ontem diz que vai se produzir o estatuto da associação. Obviamente que eu disse que em 2010 nós vamos inaugurar a primeira parte da Refinaria. Portanto, nós temos muitos meses para ir construindo o estatuto. Não tem uma data, não tem um dia. Tem a associação, a obra já está em andamento e nós vamos construir o estatuto no momento em que entendermos que deva ser construído.

Jornalista: Bom dia, presidentes. Os temas de energia e defesa foram parte do que foi discutido aqui. Tenho uma pergunta para cada um em relação a esses temas. Ao presidente Lula, a seguinte pergunta. Dia 24 de março de 2008, o ministro da Defesa da Colômbia, Juan Manuel Santos, justificou o ataque ao Norte do Equador dizendo que se tratava de um objetivo militar legítimo. Considerando que o Brasil possui uma grande fronteira com a Colômbia, o Brasil estaria disposto, sob a luz dessa doutrina de objetivo militar legítimo, a aceitar um ataque com objetivo militar legítimo em solo brasileiro? Qual seria a posição do senhor?

Presidente Lula: A posição do Brasil foi clara com a posição que tomou em defesa da soberania do Equador e no comportamento do Brasil na OEA. Nós não aceitamos, em hipótese alguma, que um país interfira na soberania territorial de outro país, é ponto pacífico.



Jornalista: Bom dia, senhores presidentes. Ontem, os senhores definiram a participação acionária da Petrobras e da PDVSA na Refinaria. Mas ainda não se chegou a um acordo sobre a distribuição do combustível que vai ser produzido. O Brasil vai autorizar a PDVSA a abrir postos de combustível no Nordeste, como foi citado?

Presidente, ontem o senhor garantiu que vai eleger o seu sucessor em 2010. A ministra Dilma Rousseff e o governador Eduardo Campos estão entre os nomes para uma chapa ideal?

Eu também não posso deixar de perguntar como o senhor vai reagir ao desafio do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, que autorizou a abertura do sigilo das contas dele, e pede que o senhor faça o mesmo. Como o senhor vai responder a esse desafio?

Presidente Lula: Eu queria te falar sobre o acordo feito pela PDVSA. A PDVSA, como qualquer outra empresa, como a Shell, como a Esso, pode abrir postos de gasolina no Brasil. Os detalhes da distribuição, como nós só vamos começar a produzir em 2010, temos dois anos para estabelecer os acordos em função da realidade.

_____ : Ainda não entraram em acordo sobre o nome que vão dar para o primeiro “filho”?

Presidente Lula: Nós temos tempo, não há nenhuma ansiedade. O importante é que essa Refinaria esteja pronta e comece a produzir. Eu quero dizer à imprensa brasileira que vou permanecer aqui até amanhã e vou ter muitas atividades aqui. Qualquer pergunta específica sobre o Brasil, teremos o dia



inteiro para conversar sobre PAC, sobre CPI, sobre medidas provisórias. Não é justo, numa conferência de imprensa com o presidente da República e da Venezuela, reduzir às coisas internas. As coisas internas nós discutiremos quando o Chávez estiver voando para o Maranhão.

Muito obrigado e um abraço.

(\$31FGJLMP)